

As infâncias de Fernando Pessoa

Alfredo Margarido

A genése dos heterónimos não só foi descrita pelo próprio Fernando Pessoa, nomeadamente na famosa carta a Adolfo Casais Monteiro (datada de Lisboa, 13 de Janeiro de 1935), mas suscitou um sem número de comentários que fizeram da heteronímia - que não foi contudo inventada por Pessoa - um dos elementos determinantes da compreensão não só do homem, mas sobretudo da sua criação poética.

Todavia a circunstância de se dispor de uma “explicação” fornecida por Pessoa, não elimina nem a curiosidade, nem a necessidade de conhecer melhor o mecanismo interno deste sistema. Esta situação foi de resto amplamente reforçada pela biografia de João Gaspar Simões que, seguindo muito fielmente a biografia de Sartre consagrada a Baudelaire, reforçou a importância das relações entre Pessoa e sua mãe.

Nesse capítulo, intitulado “O menino da sua mãe”, Gaspar Simões lança-se nos meandros das relações de Pessoa com os pais, e essencialmente com a mãe, tendo o pai morrido cedo. A verdade, porém, é não haver nada que nos permita compreender essas relações, sobretudo depois de família Rosa Dias ter feito desaparecer a correspondência enviada pela mãe, durante o período em que a família do cônsul português, se mantivera em Durban.

Não havendo mais do que poucas referências à mãe, era difícil encontrar evocações da infância. Os heterónimos de Pessoa não possuem, na sua maior parte, nem história familiar, nem infância. A infância pertence apenas ao Fernando Pessoa ortónimo, que a partilha com Álvaro de Campos. Os poemas onde aparecem referências à infância, foram sobretudo redigidos nos anos 30, quando se verifica uma séria modificação na vida de Pessoa, dominada por problemas económicos aparentemente muito difíceis de resolver.

Os poemas que mais extensamente recrutam a infância, pertencem ao próprio Fernando Pessoa, o que não permite contudo nenhuma relação com a biografia do poeta, embora não possamos rejeitar a explicação biográfica. De facto o poema que no “Cancioneiro” (utilizo a edição das poesias da Ática, datada de 1961, p. 32-34), começa pelo verso “o maestro sacode a batuta”, se não corresponde à situação biográfica, permite compreender a importância do mecanismo de recalque, que leva Pessoa a recusar-se a sua própria infância.

Não seria difícil, se adoptássemos a orientação biográfica, cara a quase todos os exegetas de Pessoa, considerar que o poeta recupera a infância como sistema de compensação. Pode todavia salientar-se a importância do poema, que se refere expressamente à lembrança: “lembra-me a minha infância/aquele dia/Em que eu brincava no pé do muro do quintal/atirando-

lhe com uma bola que tinha dum lado/o deslizar dum cão verde, e do outro lado/um cavalo azul a correr com um jockey amarelo”.

Por razões que serão analisadas mais adiante, sou levado a pensar que este poema é menos Pessoa, e mais Álvaro de Campos, até porque entra em contradição com outro poema, aparentemente mais tardio, de 1932, que, mesmo se não é inteiramente biográfico, sublinha alguns dos problemas que a anamnese de Pessoa não podia deixar de criar:

*Por que esqueci quem fui quando criança?
Por que deslembra quem então era eu?
Por que não há nenhuma semelhança
Entre quem sou e fui?
A criança que fui vive ou morreu?
Sou outro? Veio um outro em mim viver?
A vida, que em mim flui, em que é que flui?
Howe em mim várias almas sucessivas
Ou sou um só inconsciente ser?*

Mais ainda do que o poema referido, aqui encontramos algumas interrogações que nos permitem compreender que se registou na organização psíquica de Fernando Pessoa não uma exaltação da infância e da relação com a mãe, mas antes uma recusa dessa memória, um mecanismo de recalque, que parece ter funcionado de maneira perfeita. Pessoa aceita a ideia de uma sucessão de almas, que são geradas pela necessidade de recusar as que já existiam. Só essa sucessão de almas estaria em condições de explicar a sua situação psíquica, nesse ano de 1932.

Num poema mais curto - que na edição da Obra poética organizada por Maria Aliete Dores Galhoz, aparecida no Rio de Janeiro em 1960, tem o número 789 - Fernando Pessoa - sempre ele - salienta a importância do esquecimento:

*Criança, era outro ...
Naquele em que me tornei
Cresci e esqueci.
Tenho de meu, agora, um silêncio, uma lei:
Ganhei ou perdi?*

Não nos cabe decidir, embora este curto poema nos dê o direito de pôr em evidência a preocupação com a relação entre a infância e a memória, sendo esta um árbitro indispensável para permitir decidir as condições em que a memória da infância se esvaiu. Ou seja, o poeta não descreve a sua infância, pois tal lhe seria impossível, mas salienta as condições em que se verificara a lenta mas constante operação do recalque. Embora, convém confessar, Pessoa não recorra nunca a um termo tão escarradamente freudiano. E se Pessoa conhece Freud não parece ter-lhe dado a importância que depois e hoje lhe atribuímos.

Tal não nos impede de dar conta do sentimento que atana Pessoa: se tive uma infância, como poderei recuperá-la e descrevê-la graças ao recurso à construção poética? É este, de maneira evidente, o mecanismo que leva Pessoa a descrever a infância, a que podia ter tido, não a que realmente teve. O que, como não podia deixar de ser, obriga o leitor a, por sua vez, interrogar o mecanismo psíquico de Pessoa. Mas como não é aqui possível reconstituir - apesar das boas tentativas de Gaspar Simões - semelhante percurso, o melhor é ainda registrar os raros momentos em que o poeta permite que a poesia lhe peça contas da infância que tivera, ou que devia ter tido.

Não é muito mais vasta a existência da infância em Álvaro de Campos, embora pareça mais consistente, mais vivida poeticamente. Referindo-se a este “drama em gente” Ofélia Queiroz põe em evidência a partilha operada pelo próprio Pessoa: “raramente falava no Caeiro, no Reis e no Soares” (Cartas de amor de Fernando Pessoa, edição da Ática, 1978, p. 37). Regista-se uma espécie de desdobramento psíquico em relação a Álvaro de Campos, que intervém de maneira bastante constante, para não dizer obsessiva, nas relações amorosas entre Fernando Pessoa e Ofélia Queiroz.

A correspondência de Fernando Pessoa assinala esta situação: “hoje sentir-meia muito melhor se pudesse contar com ir ver logo a Nininha, e vir para baixo de Belém com ela, e sem o Álvaro de Campos; que ela, naturalmente, não gostaria que esse distinto engenheiro aparecesse” (O. C., p. 109). David Mourão-Ferreira consagrou, no posfácio desta edição das cartas de amor, algumas páginas (211 a 221) a esta situação, sublinhando o carácter singular desta relação, um autêntico “ménage à trois”.

Será por isso de admirar que a infância de Álvaro de Campos acabe por ser, em volume e talvez também em sentido, mais importante do que a infância de Fernando Pessoa? Certamente que não, e podemos até encontrar algumas situações intrigantes, como, no poema de 16 de Junho de 1934 (registemos uma vez mais a importância deste período final da vida de Pessoa dos anos 30, que terminara em Novembro de 1935):

*Pobre velha casa da minha infância perdida!
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!
Que é do teu menino? Está maluco.
Que é de quem fui? Está maluco. Hoje é quem sou.*

*Se ao menos tivesse uma religião qualquer!
Por exemplo, por aquele manipanso
Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.
Era feíssimo, era grotesco,
Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.
Se eu pudesse crer num manipanso qualquer (...).*



Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Álvaro de Campos por Almada negreiros

Os versos traduzem dois períodos da relação com a infância. A primeira estrofe procede ao inventário interrogativo da relação com esse período existencial, dado que deixou de haver um elo evidente e lógico entre o poeta de agora e a criança ligada a essa casa. O poeta inclui-se sem restrições nos quadros da “maluqueira”, que podemos entender como falta de respeito pela norma, a da casa, a da família, e até a das religiões.

A segunda estrofe é certamente mais singular, por se tratar de um poema onde perpassa enfim uma reduzida memória de África. Não é possível ignorar a maneira como o mecanismo do recalque pessoano eliminou todo e qualquer vestígio da passagem, todavia demorada, pela África do Sul. Pessoa referia-se com frequência e orgulho (legítimo!) ao prémio que obtivera, o famoso Victoria Prize. Em contra-partida, eliminara da sua reflexão poética, e podemos também aceitá-lo, da própria memória, os anos difíceis que vivera em Durban e que, contrariamente ao que fora avançado por Gaspar Simões, foram os da conflitualidade discreta com a mãe.

Podíamos salientar a existência de um juízo estético, na medida em que a estatuária africana, e como era ainda corrente entre nós, só podia remeter para a fealdade, que não pertencia ao catálogo dos valores estéticos, - mesmo os não-aristotélicos - então reconhecidos pela parca reflexão estética existente entre nós. O que não impede Álvaro de Campos de sublinhar a ausência de diferenças entre os vários tipos de manipansos de que se servem as religiões.

Todavia, na própria “Ode Marítima” se encontram outros vestígios da infância, e de uma infância vivida parcialmente em inglês, como se verifica nas referências à *Ilha do Tesouro*, de Robert Louis Stevenson:

*Fifteen men on the Dead Man's chest
Yo-ho ho and a bottle of rum!*

Tanto o pirata como a garrafa de rum pertencem ao

●●
 crée un personnage français avec lequel il correspondra régulièrement jusqu'à l'âge de 24 ans. Pour changer de culture il doit changer de moi le 8 mars 1914, jour duquel il dira "c'est le jour triomphal de ma vie". Ce jour là comme d'habitude il se met à écrire, debout sans projet précis. Il commence à rédiger un poème qu'il intitule Le gardien de troupeaux, mais tout d'un coup il se rend compte que ce qu'il écrit n'est pas de lui mais de quelqu'un d'autre, qui pense et sent tout le contraire de lui, Fernando Pessoa. À cet autre, il donne une identité et le nomme Alberto Caeiro. En parlant de lui il dira: il est apparu en moi mon maître. cela fait j'ai essayé de lui trouver des disciples, j'ai arraché à son paganisme Ricardo Reis - latent - je lui ai attribué un nom... rapidement en opposition à R. Reis, m'est apparu un nouveau individu : Álvaro de Campos, et surgit alors l'Ode Triomphale.

En se dédoublant ainsi en plusieurs hétéronymes cela lui permet de voyager à l'intérieur de lui-même. Ses hétéronymes lui, permettent de réaliser sa devise : "Tout sentir de toutes les manières".

Fernando Pessoa va très loin dans cette illumination d'ordre existentielle : "je ne sentais plus les êtres que je créais que moi-même ... Je me suis trouvé alors que j'étais perdu". Ils deviennent tellement réels que pendant la nuit ils le visitent et lui provoquent des insomnies. Robert Bréchon compare ce jour triomphal à la nuit de Descartes en 1654 et à la nuit de Paul Valéry en 1892.

Après la mort de Sá Carneiro, survenue à Paris en 1916, il se sent brisé et encombré par ses hétéronymes et essaye de s'en défaire.

Ophélia sera le seul amour de sa vie ; avec elle il aura une correspondance régulière, mais rompra en 1913.

Le 29 novembre il est interné à l'hôpital français de Saint Louis où il mourra le 30 novembre à 20h30.

Le jour de son centenaire son corps fut transporté dans le couvent des Jerónimos à côté des grands du Portugal.

Au regard de sa vie et de son œuvre, Fernando Pessoa, au départ soit disant sans identité, s'avère multiple et pluriel. A travers ses hétéronymes il a réalisé son rêve : "Être de tous les temps, de tous les espaces, de tous les âmes, de toutes les émotions et de tous les entendements".

En plus de tous les poèmes écrits sous différentes identités, Fernando Pessoa fut aussi un poète lyrique : exemple, *O Cancioneiro*. Il a écrit aussi sous son nom deux textes dramatiques et une fiction romantique qui témoigne de sa virtuosité en tant que conteur, car plein d'humeur et de fantaisie. Il a écrit aussi des centaines de textes politiques, car il était passionné de politique.

Esperança Laurencó

mabiliário simbólico do romance de Stevenson, que não adquirira ainda entre nós a popularidade que depois lhe viria a caber. Ora é evidente que Pessoa não só lera o romance, mas possivelmente cantara ou ouvira cantar a música entre infantil e adolescente que fora suscitada pela enorme popularidade do romance. Há de resto, na "Ode Marítima", outras passagens que confirmam a importância da infância :

*Da minha casa ao pé do rio,
 Da minha infância ao pé do rio
 (...)
 Minha velha tia, que me amava por causa do filho que perdeu ...
 Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
 (Se bem que eu fosse já crescido demais para isso)
 (...)
 Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!
 Não poder viajar para o passado, para aquela casa e aquela afeição,
 E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!*

Não o duvidemos: Pessoa inventa, graças ao Álvaro de Campos, uma família que não teve nesses anos de Durban, em que o agregado familiar estava reduzido à mãe, ao padrasto e aos meios-irmãos, os quais eram todos Rosa, não havendo nenhum Pessoa. Creio que se não reflecte assaz a respeito desta situação familiar, sempre em consequência da intoxicação afectiva imposta por Gaspar Simões, que ao interpretar de maneira arriscada o teor das relações Pessoa/Mãe, pesou sobre todas as orientações ulteriores que ou o repetiam, ou tinham de travar uma polémica tão desagradável como pouco aconselhável para devolver estas relações ao seu vero estatuto.

O que, entre o mais, permite dar conta do período mais agudo da reflexão imposta por uma infância que, tendo sido vivida, perdera as suas características, tornando-se efectivamente inexistente. O teor geral desta poesia, permite pensar que o poema atribuído a Fernando Pessoa ortónimo, a que fiz referência logo no início desta reflexão, pertence antes aos poemas caracterizadamente Álvaro de Campos, estando profundamente articulado com a própria "Ode Marítima". Esperemos que se proceda à revisão conveniente, para reforçar a importância desta infância de Pessoa emprestada ao Alvaro de Campos.

Para concluir, creio sobretudo necessário sublinhar o facto de as infâncias de Álvaro de Campos e de Fernando Pessoa, possuírem algumas referências comuns, reforçando o sistema relacional que fez de Alvaro de Campos o heterónimo mais polémico e mais interveniente, substituindo inclusivamente o próprio Fernando Pessoa quando era caso disso (pense-se, por exemplo, na intervenção pública destinada a defender Raúl Leal, e assinada nanja por Fernando Pessoa, como seria legítimo esperar; mas sim por Álvaro de Campos, em consequência de uma estratégia que ainda não foi suficientemente analisada).

Tratando-se de uma releitura de Fernando Pessoa que acaba de (re)começar, esperamos ainda algum tempo, para estar em condições de abrir plenamente o leque poético onde cabem todas as infâncias, naturalmente todas míticas ●



Hommage à F. Pessoa par Bertino (huile sur toile)